



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O CORPO E A SEXUALIDADE FEMININA: UM DEBATE NECESSÁRIO

Karolina Moura Gomes¹; Beatriz Ferreira²; Maria Carolina Viana Brito³; Sandra Raphaella Santos Dias⁴; Victória Eduarda Cavalcanti de Moraes⁵

¹Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: karolinamouramg@gmail.com

²Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: ferreirabeatriz50@gmail.com

³Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: mcarolinavb21@gmail.com

⁴Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail :rraphaelladias@gmail.com

⁵Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: victoriaecmoraes@gmail.com

Resumo: A Saúde da Mulher deve ser tratada de forma inclusiva considerando as peculiaridades sobre gênero. Isto é difícil para alguns profissionais de saúde e serviços que prestam atenção às mulheres, apesar dos anos de lutas femininas por uma saúde mais inclusiva e específica. A sexualidade e percepção do próprio corpo são por vezes negligenciados, ficando restrito a maternidade e reprodução, sendo o sexo fonte de rótulos, tabus e culpas. Pela escassez de projetos que tratem da saúde feminina neste aspecto, elaboramos o Projeto de Extensão: Atenção Integral à Saúde da Mulher com graduandos de cursos da área da saúde da (uma) Universidade Federal em Alagoas. Dentre as (suas) ações descrevemos as relacionadas ao corpo e sexualidade. Para sua execução houve capacitação prévia dos discentes, por um profissional psiquiatra e psicanalista. A ação ocorreu através de oficinas, onde (quando) se usou o próprio corpo como instrumento de expressão. O confronto com a própria imagem aconteceu através do uso do espelho e do diálogo sobre auto imagem, discutindo-se a (sobre) sexualidade. Na roda de conversa dialogou-se sobre preocupações e dúvidas através de frases gatilho. Identificou-se preconceitos, relatados como auto depreciação, caracterizados pela vivência pessoal de cada uma. A vivência mostrou ainda a perspectiva de mudança de tais conceitos, com a abertura das mulheres a novas informações, confirmando a necessidade de construir atenção à saúde abarcando panoramas de gênero, classe e raça, além de reforçar esse conhecimento como forma de empoderamento às mulheres em relação a seus corpos.

Palavras-chave: Corpo, sexualidade, mulher, feminina.

INTRODUÇÃO

Simone de Beauvoir (1967, p. 1) afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. O conceito de mulher

supera características físicas inscritas em um corpo; ser mulher é uma construção social, material e simbólica que decorre do corpo. Para tanto, ao referir-se à mulher é necessário



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

invocar gênero, porquanto falar de gênero é referir-se a uma ideia construída socialmente para discriminar o anátomo-fisiológico da esfera social/cultural (HEILBORN, 2002). Contudo, como Scott (1995) coloca: “o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder” nas relações entre os sexos.

Para tanto, é necessário tratar a saúde da mulher a partir de um recorte de gênero, uma vez que mulheres e homens, devido à organização social das relações de gênero, estão sujeitos a padrões diferentes de sofrimento, adoecimento e morte (PEDROSA, 2005). Segundo a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher publicada pelo Ministério da Saúde em 2004, a vulnerabilidade das mulheres frente a certas doenças e causas de morte está mais relacionada com situações de discriminação na sociedade do que com fatores biológicos.

Portanto, para conseguir atingir uma saúde para as mulheres como a Organização Mundial da Saúde (OMS) propõe, situação de perfeito bem-estar biopsicossocial, é necessário atender as demandas específicas que o gênero feminino carrega, não só devido fatores biológicos particulares, mas também devido às distintas situações sociais a que mulheres são submetidas e, por isso, têm sua saúde fragilizada. Para tanto, é necessário

modificar a base da assistência à saúde da mulher, ou seja, fazer com que profissionais da área compreendam a saúde feminina como um campo mais amplo do que só aspectos da saúde ginecológica e reprodutiva.

Uma das maneiras de modificar a base é atingir os profissionais que ainda não se formaram através da escuta da fala de mulheres acerca de suas demandas. Partindo desse pressuposto, foi desenvolvido o Projeto de Extensão Atenção Integral à Saúde da Mulher (AISAM) por estudantes e docentes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O projeto se propõe a práticas de ações de atenção à saúde da mulher de forma crítica, com mulheres de um conjunto habitacional que apresenta condições sociais precárias, localizado no bairro do Tabuleiro dos Martins, próximo a UFAL, em Maceió- AL

Uma das atividades práticas do AISAM teve o tema “corpo e sexualidade”. Este tema foi proposto, baseado na premissa de que sexualidade e corpo são histórica e socialmente construídos (HEILBORN, 2002), É fundamental problematizar o que se entende por natural acerca da sexualidade e do corpo, e toda a normatização a que disto decorre.

A normatização em relação ao corpo decorre, também, do poder midiático de produção de sentidos e criação de padrões em relação ao corpo. Padrões que são difundidos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

e geram um forte culto ao corpo principalmente entre as mulheres, que é o público alvo do mercado de beleza. Contudo, isto provoca nas mulheres um estado de paradoxo, pois a realidade da imagem de seus corpos não condiz com a imagem dos corpos difundidos pela mídia (GOETZ et al., 2008), ou seja, um paradoxo entre o que elas são e o que elas querem ser, gerando uma forte insatisfação com o corpo, além de tirar a autonomia das próprias mulheres de definirem seus corpos, por estes estarem constantemente submissos a Outro.

Assim como o corpo da mulher, a sexualidade é constantemente controlada e reprimida para a legitimação da dominação patriarcal e da sua reprodução, sendo a sexualidade feminina reduzida a sua capacidade reprodutiva, além de ser heteronormatizada (ÁVILA, 2003).

Procurando abranger toda a problemática apresentada acima acerca do tema “corpo e sexualidade”, a ação prática desenvolvida pelos membros do AISAM com esse tema, teve como objetivo propiciar a reconstrução da auto estima das mulheres e empoderá-las sobre seus corpos e sua sexualidade.

METODOLOGIA

A ação com o tema “corpo e sexualidade” proposta pelo AISAM foi

dividida em dois eixos principais: capacitação teórica e atividade prática. O primeiro eixo foi realizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, no dia 07 de julho de 2018, das 14:00 às 16:00 horas, com um médico psicanalista e residente de psiquiatria do Programa de especialização da Universidade Estadual (UNCISAL) realizada no Hospital Escola Portugal Ramalho. Estavam presentes 11 membros do projeto que assistiram a uma apresentação em slides feita pelo médico que abordou conceitos acerca do corpo e da sexualidade, a fim de conceder um suporte teórico para que os membros do AISAM conseguissem desenvolver e conduzir a atividade prática.

A atividade prática foi realizada no Centro de Recuperação e Educação Nutricional (CREN) no conjunto habitacional selecionado para a ação, no dia 24 de julho de 2018, das 14:00 às 16:00 horas. Esse local foi escolhido devido a sua localização geográfica, nos arredores da UFAL, e por ser um local conhecido pelas mulheres do conjunto, uma vez que o centro disponibiliza muitas atividades para elas, o que facilita a participação das mulheres nas atividades proporcionadas pelo projeto. Além disso, é um local que dispõe de uma boa estrutura para a realização das atividades, como, por exemplo, sala com várias cadeiras, computador e projetor.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A atividade prática foi conduzida por 11 membros do AISAM. Estavam presentes sete mulheres participantes, maiores de 18 anos, todas residentes no conjunto. O tema desta atividade carrega consigo um tabu o que dificulta sua abordagem e discussão, por esse motivo, a intenção foi de realizar uma ação mais interativa a fim de que as mulheres se sentissem mais desprendidas para dialogarem e expressarem os sentimentos, vivências e opiniões.

Para isso, a atividade prática foi dividida em: apresentação das participantes, através de dinâmicas, breve exposição do tema e roda de conversas; todas as etapas foram focadas em discutir o tema de forma leve e expansiva. Inicialmente aconteceu a apresentação das participantes que durou 10 minutos. Cada uma das mulheres deveria se apresentar fazendo algum gesto corporal, já colocando em questão o tema a ser tratado o corpo feminino, e também foi uma maneira de que todas se familiarizassem e se sentissem mais confortáveis para conversarem.

Iniciou-se então a etapa das dinâmicas. A primeira dinâmica foi a prática de alongamento e dança, visto que esta última é uma forma de expressão corporal que traduz sentimentos internos através dos movimentos e permite que se perceba mais sobre seus corpos e, em razão disso, sintam-se mais à vontade e pertencentes a elas mesmas. Na

segunda dinâmica foi pedido para desenharem o que é ser mulher para elas e depois que explicassem para o grupo o significado do desenho. E, por fim, aconteceu a última dinâmica, onde foi feito uma roda e se passava um espelho por cada mulher. Ao se olharem no espelho elas deveriam falar o que sentiam diante de sua imagem e fazerem um elogio a seu corpo. Todas as dinâmicas foram feitas para abordar o tema com leveza e proporcionar a interação das mulheres entre si e com os membros da extensão, e cada uma delas duraram cerca de 20 minutos.

Em seguida, foi realizada uma breve apresentação de 20 minutos em slides com a finalidade de abordar alguns conceitos acerca do tema tratado, demonstrando aspectos sobre: corpo, natureza, cultura, sexualidade e gênero. Ao final, foi feita uma roda de conversa que durou em média 30 minutos. Esta foi iniciada com uma “revisão” sobre as questões já abordadas nos slides, principalmente as relacionadas à visão da mulher sobre o seu corpo e o seu papel sexual. Nesse momento, foi pedido que algumas delas explicassem com base no que tinha sido apresentado e no seu conhecimento prévio o que seria o corpo. Em sequência, foram feitas perguntas para estimular a conversa, como “seu corpo é de quem?” e “o que se entende por carinho?”, e com base nessas perguntas foi trazida à tona a discussão



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sobre sexualidade e o que isso representava para elas. Por fim, foi pedido que elas fizessem a leitura de algumas “frases gatilho”, como: “ajusto-me a mim, não ao mundo”, “eu quero ser tudo que sou capaz de me tornar” e “você é o seu próprio lar”, para estimular uma reflexão sobre a maneira como elas viam seu próprio corpo, sua sexualidade, sua autonomia, e a importância de cada tópico trabalhado dentro de sua realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos fatores determinantes na cultura brasileira para que uma mulher seja definida como mulher é a maternidade. Ao longo da vida das mulheres, elas são conduzidas pela sociedade a internalizar que possuem um “instinto materno” intrínseco (HEILBORN, 2002) e, por isso, muitas vezes passam a ser vistas apenas como reprodutoras da espécie, tendo sua sexualidade e corpo reduzidos a isto.

Logo, em uma das primeiras dinâmicas propostas na atividade prática, pôde-se observar esse aspecto cultural marcante da maternidade como fator determinante do que é ser mulher. Foram entregues pedaços de papel a todas as presentes, para que estas escrevessem ou desenhassem o que significaria seus corpos para elas. Foi observado que a maioria escreveu e desenhou corpos relacionados à

maternidade, chegando até a desenhar seus próprios filhos para representar seu corpo. Segundo Heilborn (2002, p. 13), “para as mulheres, a natureza da maternidade seria de tal ordem que elas teriam uma inscrição corporal de afeição em relação à própria prole”, ou seja, no processo de construção corporal, elas acabam por acreditar que seus corpos não as pertencem, mas sim a seus filhos. Isto também decorre do processo cultural no qual estão inseridas, além da própria história de medidas de saúde direcionadas à mulher, sempre em prol de da reprodução e não uma abordagem anátomo-fisiológica levando em consideração as peculiaridades referentes ao gênero (PEDROSA, 2005) e abrangendo seu bem-estar biopsicossocial. Podendo-se concluir que a maternidade é internalizada como um fator determinante da construção corporal para as mulheres.

Por esse mesmo motivo, foi levantada a questão de “será que para ser mulher é necessário ser mãe?”. Duas das participantes responderam que não, pois não só esse fator determina sua feminilidade, contudo, essas duas que negaram a pergunta, não possuíam filhos.

Outro momento marcante da atividade prática foi durante a dinâmica em que, sentadas em círculo, as mulheres repassaram um espelho, para que se observassem e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dissessem o que viam como sua maior qualidade. Com isso, foi possível detectar que a maioria sentia uma pressão imposta pelos padrões de beleza da sociedade, principalmente a necessidade de ter o corpo magro, e, ao mesmo tempo, que buscavam o que elas achavam que as definia como belas, apontavam possíveis defeitos. Mesmo que tenha sido pedido que elas falassem algo que apreciavam em si mesmas, elas preferiam depreciar-se primeiramente, para depois apontar algo que achassem atraente. Tal fato pode ser uma consequência também, da publicidade e da mídia que manipula a definição de beleza, impondo a sociedade a imitar o que essa dita como ideal (GOETZ et al., 2008).

Na última atividade, a roda de conversa, procurou-se, através de frases gatilho, abordar como elas sentiam-se em relação a seus corpos e tentar discutir sobre sexualidade. Segundo Heilborn (2002), a cultura interfere diretamente na maneira que o sujeito se comportará quanto ao seu sexo; logo, a sexualidade e sua expressão são determinadas por um conjunto de fatores tais como: gênero, classe e círculo sociais, cultura e local onde vive. Apesar de o tema ter sido discutido na dinâmica e explicado durante a apresentação em slides, ao tocar no assunto sexualidade, grande parte das mulheres presentes resistiu em falar sobre o assunto. Isso já era algo

esperado pelos membros do AISAM, considerando o conhecimento da área trabalhada e considerando as idéias de Foucault (1988), que afirma que depois do século XIX as práticas sexuais procuravam o segredo, o íntimo e o pessoal, sendo reduzidas ao casal, legítimo e procriador, ditando assim Lei. Sendo assim, a sexualidade é algo a não ser falado, mas sim a ser guardado.

CONCLUSÃO

Após a realização da ação podemos afirmar que para que saúde das mulheres consiga ser de fato contemplada, é necessário integrar o recorte de gênero nesta discussão. Entender que mulheres e homens têm demandas diferentes é fundamental. Isso não pode ser feito deixando de lado a discussão do corpo e da sexualidade feminina, que são constantemente reprimidos, gerando sofrimento psicológico, físico e social. A partir desta atividade prática proposta pelo AISAM, ficou clara a necessidade das mulheres estarem em um ambiente onde o tema “corpo e sexualidade” seja abordado, para que estas mulheres consigam falar acerca de sua autoestima, de seus corpos e de sua sexualidade. É importante encontrar um espaço de acolhimento para reconstruir sua autoestima e se empoderar acerca do seu corpo e da sua sexualidade.

REFERÊNCIAS



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Políticas da Saúde

ÁVILA MB. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. *CadSaude Publica* 2003; 19(Supl. 2):465-469.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: a experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BRASIL, Ministério da Saúde, Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. Brasília, 2004.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GOETZ, ER. et al. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2008.

HEILBORN, ML. “Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”. Cadernos Cepia n° 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92 (apoio Fundação Ford e UNIFEM).

PEDROSA, M. Atenção integral à saúde da mulher: desafios para implementação na prática assistencial. **Revista brasileira de medicina de família e comunidade**, Rio de Janeiro, v.1, n° 3, 2005.

SCOTT, JW. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n° 2, 1995, pp. 71-99.